



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 15 de Novembro de 2006

Paulo, o Espírito nos nossos corações

Queridos irmãos e irmãs!

Também hoje, como nas duas catequese precedentes, voltamos a São Paulo e ao seu pensamento. Estamos diante de um gigante não só a nível do apóstolo concreto, mas também da doutrina teológica, extraordinariamente profunda e estimulante. Depois de ter meditado na semana passada sobre o que Paulo escreveu acerca do lugar central que Jesus Cristo ocupa na nossa vida de fé, vemos hoje o que ele diz sobre o Espírito Santo e sobre a sua presença em nós, porque também aqui o Apóstolo tem algo muito importante para nos ensinar.

Conhecemos o que São Lucas nos diz do Espírito Santo nos *Actos dos Apóstolos*, descrevendo o evento do Pentecostes. O Espírito pentecostal traz consigo um vigoroso estímulo a assumir um compromisso da missão para testemunhar o Evangelho pelos caminhos do mundo. De facto, o *Livro dos Actos* narra uma série de missões realizadas pelos Apóstolos, primeiro na Samaria, depois ao longo da Palestina, e depois, em direcção à Síria. São narradas sobretudo as três grandes viagens missionárias realizadas por Paulo, como já recordei num precedente encontro de quarta-feira. Mas São Paulo, nas suas Cartas fala-nos do Espírito também sob outra perspectiva.

Ele não se detém a ilustrar apenas a dimensão dinâmica e operativa da terceira Pessoa da Santíssima Trindade, mas analisa também a presença na vida do cristão, cuja identidade é marcada por ele. Em outras palavras, Paulo reflecte sobre o Espírito expondo a sua influência não só no *agir* do cristão, mas também no seu *ser*. De facto, ele diz que o Espírito de Deus habita em nós (cf. *Rm* 8, 9; *1 Cor* 3, 16) e que "Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu

Filho" (*Gl* 4, 6).

Portanto, para Paulo o Espírito conota-nos até às nossas profundezas pessoais mais íntimas. Em relação a isto, eis algumas das suas palavras de importante significado: "A lei do Espírito que dá a vida libertou-te, em Cristo Jesus, da lei do pecado e da morte... Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos. É por Ele que clamámos: *Abbá, ó Pai!*" (*Rm* 8, 2.15), porque somos filhos, podemos chamar "Pai" a Deus. Portanto, vemos bem que o cristão, ainda antes de agir, já possui uma interioridade rica e fecunda, que lhe é concedida nos sacramentos do Baptismo e da Confirmação, uma interioridade que o estabelece num relacionamento objectivo e original de filiação em relação a Deus.

Eis a nossa grande dignidade: a de não ser apenas imagem, mas filhos de Deus. Trata-se de um convite a viver esta nossa filiação, a estarmos cada vez mais conscientes de que somos filhos adoptivos na grande família de Deus. É um convite a transformar este dom objectivo numa realidade subjectiva, determinante para o nosso pensar, para o nosso agir, para o nosso ser. Deus considera-nos seus filhos, tendo-nos elevado a uma tal dignidade, mesmo se não é igual, à do próprio Jesus, o único Filho em sentido pleno. Nele é-nos dada, ou restituída, a condição filial e a liberdade confiante em relação ao Pai.

Assim descobrimos que para o cristão o Espírito já não é apenas o "Espírito de Deus", como se diz normalmente no Antigo Testamento e se continua a repetir na linguagem cristã (cf. *Gn* 41, 38; *Êx* 31, 3; *1 Cor* 2, 11.12; *Fl* 3, 3; etc.). E também não é apenas um "Espírito Santo" entendido em sentido genérico, segundo o modo de expressar-se do Antigo Testamento (cf. *Is* 63,10.11; *Sl* 51, 13), e do próprio Judaísmo nos seus escritos (Qunram, rabinismo).

De facto, pertence à especificidade da fé cristã a confissão de uma original partilha deste Espírito por parte do Senhor ressuscitado, o qual se tornou Ele mesmo "Espírito que dá vida" (*1 Cor* 15, 45). Precisamente por isso São Paulo fala directamente do "Espírito de Cristo" (*Rm* 8, 9), do "Espírito do Filho" (*Gl* 4, 6) ou do "Espírito de Jesus Cristo" (*Fl* 1, 19). É como se quisesse dizer que não só Deus Pai é visível no Filho (cf. *Jo* 14, 9), mas que também o Espírito de Deus se expressa na vida e nas acções do Senhor crucificado e ressuscitado!

Paulo ensina-nos também outra coisa importante: ele diz que não existe verdadeira oração sem a presença do Espírito em nós. De facto, escreve: "O Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir como é verdade que não sabemos como falar com Deus! ; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que examina os corações conhece as intenções do Espírito, porque é de acordo com Deus que o Espírito intercede pelos santos" (*Rm* 8, 26-27). É como dizer que o Espírito Santo, isto é, o Espírito do Pai e do Filho, é como a alma da nossa alma, a parte mais secreta do nosso ser, de onde se eleva incessantemente a Deus um dístico de oração, da qual nem sequer podemos esclarecer as

palavras.

De facto, o Espírito sempre activo em nós, supre às nossas carências e oferece ao Pai a nossa adoração, juntamente com as nossas aspirações mais profundas. Naturalmente isto exige um nível de maior comunhão vital com o Espírito. É um convite a ser cada vez mais sensíveis, mais atentos a esta presença do Espírito em nós, a transformá-la em oração, a ouvir esta presença e a aprender assim a rezar, a falar com o Pai como filhos no Espírito Santo.

Há também outro aspecto típico do Espírito que nos foi ensinado por São Paulo: é a sua ligação com o amor. De facto, São Paulo escreve: "A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (*Rm* 5, 5). Na minha Carta encíclica "*Deus caritas est*" citei uma frase muito eloquente de Santo Agostinho: "Se vês a caridade, vês a Trindade" (n. 19), e prossegui explicando: "O Espírito é aquela força que harmoniza seus corações [dos crentes] com o coração de Cristo e leva-os a amar os irmãos como Ele os amou" (*ibid.*). O Espírito insere-nos no próprio ritmo da vida divina, que é vida de amor, fazendo-nos pessoalmente partícipes dos relacionamentos existentes entre o Pai e o Filho. Não é sem significado que Paulo, quando elenca as várias componentes da frutificação do Espírito, coloque em primeiro lugar o amor: "O fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, etc." (cf. *Gl* 5, 22).

E dado que por definição o amor une, isto significa antes de tudo que o Espírito é criador de comunhão no âmbito da comunidade cristã, como dizemos no início da Santa Missa com uma expressão paulina: "... a comunhão do Espírito Santo [ou seja, a que é realizada por ele] esteja com todos vós!" (*2 Cor* 13, 13). Mas, por outro lado, é também verdade que o Espírito nos estimula a estabelecer relacionamentos de caridade com todos os homens. Dado que, quando amamos damos espaço ao Espírito, permitimos que se expresse em plenitude. Compreende-se assim por que Paulo coloca na mesma página da Carta aos Romanos as duas exortações: "deixai-vos inflamar pelo Espírito" e "não pagueis a ninguém o mal com o mal" (*Rm* 12, 11.17).

Por fim, o Espírito segundo São Paulo é um penhor generoso que nos é dado pelo próprio Deus como antecipação e ao mesmo tempo como garantia da nossa herança futura (cf. *2 Cor* 1, 22; 5, 5 *Ef* 1, 13-14). Aprendemos assim de Paulo que a acção do Espírito orienta a nossa vida para os grandes valores do amor, da alegria, da comunhão e da esperança. Compete a nós fazer deles experiência quotidiana acompanhadas pelas sugestões interiores do Espírito, ajudados no discernimento pela orientação iluminadora do Apóstolo.

Saudações

Aos peregrinos de *língua portuguesa*, especialmente aos grupos vindos de Portugal e do Brasil, uma saudação fraterna em Cristo Senhor! Por Ele, recebemos o Espírito que nos faz filhos de Deus e nos dá a ousadia e a felicidade de Lhe chamar: "Pai!". Sobre cada um de vós, nos vários

lugares e nas horas mais diversas da vida, vela um Pai. Em seu nome, a todos abençoo.

Saúdo os peregrinos e visitantes de *língua alemã*, de modo especial a peregrinação do Principado de Liechtenstein, acompanhados pelo Arcebispo, D.Wolfgang Haas. A riqueza e a profundidade da vida cristã, da qual nos fala o Apóstolo Paulo, nos possa ajudar a crescer, com a força do Espírito Santo, na fé e no amor a Deus. Desejo a todos vós uma agradável estadia na Cidade Eterna!

Dou as boas-vindas aos peregrinos de *língua inglesa* presentes hoje aqui, incluindo os membros das "World Union of Catholic Women's Organizations" e os membros da "Jesus Youth International" da Índia. Fazer com que a vossa visita a Roma seja um tempo de júbilo e de enriquecimento espiritual. Invoco sobre todos vós a abundância das Bênçãos divinas.

Saúdo cordialmente todos os *peregrinos polacos*. Saúdo os jovens de Lednica acompanhados pelo Padre Jan Gora. Abençoo os vossos preparativos para o encontro dos jovens do próximo ano em honra de São Jacinto, padroeiro das missões. No espírito de São Paulo Apóstolo, invoco sobre todos os presentes, os frutos abundantes do Espírito: amor, paz, alegria e esperança. Louvado seja Jesus Cristo.

Por fim, a minha saudação dirige-se aos *jovens*, aos *doentes*, e aos *recém-casados*. Celebramos hoje a memória do bispo Santo Alberto Magno, que se esforçou continuamente por estabelecer a paz entre as populações do seu tempo. O seu exemplo seja estímulo para vós, queridos *jovens*, para serdes realizadores de justiça e artífices de reconciliação. Seja para vós, queridos *doentes*, encorajamento para ter confiança no Senhor, que nunca nos abandona no momento da prova. E para vós, *recém-casados*, sirva de estímulo para encontrar no Evangelho a alegria de acolher e servir generosamente a vida, dom incomensurável de Deus.

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana